

MATERIAL DIGITAL DE APOIO  
À PRÁTICA DO PROFESSOR

Organização e coordenação pedagógica:  
Maria José Nóbrega

ISBN 978-85-7568-145-9

LIVRO DO PROFESSOR

# Marcelo, marmelo, martelo

Ruth Rocha



© Mariana Massarani

# SUMÁRIO

## **CARTA AO PROFESSOR, 3**

Um breve perfil de  
Ruth Rocha, a autora, **5**

Um breve perfil de  
Mariana Massarani,  
a ilustradora, **6**

Comentários sobre  
*Marcelo, marmelo, martelo*, **7**

## **ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS PARA A LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA, 8**

## **PROPOSTAS DE ATIVIDADES, 14**

Pré-leitura, **14**

Leitura, **16**

Pós-leitura, **17**

## **LER EM FAMÍLIA, 21**





# CARTA AO PROFESSOR

*Querida professora, querido professor,*

*Houve um tempo em que aprender a ler era aprender a decodificar palavras. Acreditava-se que tão logo as crianças conseguissem decifrar os sinais gráficos nos anos iniciais de escolaridade, como em um passe de mágica, já saberiam ler qualquer texto. Os sentidos eram frutos maduros que o leitor colhia. Estavam lá pendurados nas linhas...*

*Sabemos hoje que ler é uma atividade bem mais complexa, não é?*

*Os sentidos que o leitor atribui às histórias decorrem das relações que ele estabelece entre as informações do texto e suas crenças, valores, vivências, enfim, entre o texto e seus conhecimentos prévios. Por essa razão é que a leitura é um diálogo. Leitura não é apenas decodificação, é também compreensão e crítica. Ao apreciar o que o texto diz, o leitor é capaz de compreender; ao se posicionar em relação ao que é dito ou ao como é dito, o leitor é capaz de produzir crítica.*

*Como prática de linguagem, a leitura é tanto uma atividade cognitiva quanto social. É uma atividade cognitiva por envolver complexos processos mentais realizados pelo sujeito leitor, como levantar hipóteses, recuperar informações, estabelecer relações e inferências, sintetizar, refletir sobre o plano do conteúdo ou da expressão. É uma atividade social por implicar a interação que o leitor estabelece com o autor, mediado pelo texto em uma situação comunicativa em que esses sujeitos têm seus próprios horizontes de expectativas.*

*Ensinar a ler, portanto, não é apenas tarefa do professor alfabetizador. É tarefa de todos os educadores da educação básica, da escola inteira.*

Neste material, pretendemos apresentar algumas possibilidades para você criar condições para as crianças interagirem, a distância, com Ruth Rocha por meio de um conto escrito por ela: *Marcelo, marmelo, martelo*. Pretendemos ajudá-lo ainda a atuar como mediador de leitura, isto é, alguém que apresente o livro às crianças, criando as condições necessárias para que esse encontro seja feliz.

Para que isso aconteça, é preciso não esquecer que a leitura literária é uma prática cultural de natureza artística, que busca promover prazer, incitar a imaginação, estimular a apreciação da linguagem, a reflexão sobre o mundo, sobre quem somos e a vida que se leva. Ler um livro didático para estudar e aprender ou ler um jornal para se atualizar envolve modos de ler bem diferentes do que ler livros de literatura, não é mesmo?

Como diz o poeta, é chegada a hora de contemplar as palavras...



© Mariana Massarani





### Um breve perfil de Ruth Rocha, a autora

Ruth Rocha nasceu em 2 de março de 1931, em São Paulo. Desde pequena, sua mãe, dona Esther, contava-lhe histórias: dos contos clássicos a Monteiro Lobato. Um de seus livros prediletos era *Reinações de Narizinho*; a irreverência da Emília também a encantava, e influenciou muito seu jeito de ser e seu trabalho de escritora.

Formada em Ciências Políticas e Sociais pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo, entre 1957 e 1972 foi orientadora educacional do Colégio Rio Branco. Nessa época começou a escrever sobre educação para a revista *Claudia*. Sua visão moderna sobre o tema, bem como o estilo claro e próprio, chamaram a atenção e, assim, surgiu o convite para trabalhar em uma revista chamada *Recreio*.

A *Recreio* transformou-se em um marco em sua vida, porque a lançou como escritora. Ruth lançou sua primeira série, *Romeu e Julieta*, com narrativas originais e divertidas. A partir de 1973 começou a trabalhar como editora e, em seguida, como coordenadora do departamento de publicações infantojuvenis da editora Abril.

*Palavras, muitas palavras*, seu primeiro livro, saiu em 1976. Seu estilo direto, gracioso e coloquial, altamente expressivo e muito libertador, ajudou – juntamente com o trabalho de outros autores – a mudar para sempre a cara da literatura para crianças no Brasil.

Depois vieram *Marcelo, marmelo, martelo* (seu *best-seller* e um dos maiores sucessos editoriais do país, com mais de setenta edições e vinte milhões de exemplares vendidos), *O reizinho mandão* (incluído na “Lista de Honra” do prêmio internacional Hans Christian Andersen), *Nicolau tinha uma ideia*, *Dois idiotas sentados cada qual no seu barril* e *Uma história de rabos presos*, entre muitos outros.

Em mais de cinquenta anos dedicados à literatura, a escritora já foi traduzida para vinte e cinco idiomas. Recebeu prêmios da Academia Brasileira de Letras, da Associação Paulista dos Críticos de Arte, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, além do prêmio Santista, da Fundação Bunge, do prêmio de Cultura da Fundação Conrado Wessel, da Comenda da Ordem do Mérito Cultural e do prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro por oito vezes. Em 2008, Ruth foi eleita membro da Academia Paulista de Letras.

É possível encontrar mais informações sobre a autora no site <http://mod.lk/ruthro> e em suas redes sociais: @ruthrochaoficial.



### **Um breve perfil de Mariana Massarani, a ilustradora**

Mariana Massarani nasceu no Rio de Janeiro, onde vive ainda hoje. Já ilustrou mais de 200 livros infantis de diversos autores. Também publicou livros de sua autoria.

Seus trabalhos já foram expostos em diversas exposições e catálogos no Brasil e no exterior, como Itália, Alemanha, Coreia do Sul e Japão.

Recebeu diversos prêmios importantes, entre eles o selo Altamente Recomendável, O Melhor para Criança e o Prêmio FNLIJ, todos da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), o Prêmio Jabuti em várias oportunidades, o selo White Ravens e o Troféu HQ Mix.

## Comentários sobre *Marcelo, marmelo, martelo*

Neste volume, além do conto que dá nome à obra, “Marcelo, marmelo, martelo”, há ainda “Teresinha e Gabriela” e “O dono da bola”.

No primeiro, Ruth Rocha brinca com a arbitrariedade da linguagem: a imagem de uma colher não corresponde ao seu uso e, por isso, a personagem troca o seu nome por “mexedorzinho”. Marcelo resolve renomear tudo conforme o que acredita ser mais adequado. As criações do menino deixam seus pais, João e Laura, surpresos, mas tudo se complica quando ele passa a usar um vocabulário próprio e quando acontece um incêndio na casinha do cachorro Godofredo, seu pai, por não conseguir entendê-lo a tempo, não consegue apagar o fogo. Nesse ponto, o leitor pode achar que Marcelo irá desistir de sua própria linguagem, mas aí percebe que os pais dele fazem um esforço para compreendê-lo.

No segundo conto, as garotinhas Gabriela e Teresinha são muito diferentes entre si, mas uma parece sentir inveja da outra. Gabriela é uma menina muito levada. Teresinha, uma garota muito quieta e arrumadinha. Gabriela pensa que Teresinha é sonsa. Teresinha acha que Gabriela é sem modos. No final, cada uma aprende com o jeito da outra e se tornam grandes amigas.

O último conto do livro chama-se “O dono da bola”, uma expressão bastante conhecida. Conta a história de Carlos Alberto, um garotinho mimado, que leva a bola para casa, quando é contrariado pela turminha do futebol. Ele é o garoto que mora na casa mais bonita da rua e tem muitos brinquedos, só que não gosta de dividi-los com ninguém. Esse comportamento faz com que a turma o ignore por uns tempos. No final, tudo acaba bem, quando Caloca (apelido que ganha dos novos amigos) dá a bola de couro de presente para o time – Estrela d’Alva Futebol Clube – treinar e jogar.

As três histórias são contos que trazem, no desfecho, alguma mudança de comportamento de seus protagonistas. Em “Marcelo, marmelo, martelo”, o enredo encerra-se em aberto, já que Marcelo cresce e agora é a sua filha quem inicia o ciclo de questionamentos, apontando para a interminável criatividade das crianças. Em “Teresinha e Gabriela” e “O dono da bola”, são pautadas as relações entre o indivíduo e o grupo: as meninas percebem que podem ter suas próprias características e serem felizes; Carlos Alberto entende que, para ter amigos, não pode ser egoísta.

Todos os contos são narrados por meio de diálogos muito ágeis. Somente na última história temos um narrador que participa do enredo, que diz ter vivido os acontecimentos que serão narrados, “isso tudo que vai contar”.

Desejamos a você e à sua turminha de pequenos leitores uma boa leitura!

### QUADRO-SÍNTESE

**Gênero:** Conto

**Palavras-chave:** linguagem, sentimentos, relacionamentos

**Componente curricular envolvido:** Língua Portuguesa

**Competências Gerais da BNCC:** 4. Comunicação, 9. Empatia e cooperação

**Temas:** Família, amigos e escola; Descoberta de si

**Público-alvo:** 1º ao 3º anos do ensino fundamental (categoria 1)



# ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS PARA A LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA

A leitura é um processo de interação entre o texto e o leitor. Para atribuir sentido aos textos, os leitores não ativam apenas *conhecimentos linguísticos* (o vocabulário, a gramática da língua), mas também *conhecimentos extralinguísticos* (conhecimentos de mundo, enciclopédicos, históricos, culturais), que permitem compreender seus implícitos e subentendidos.

O sucesso do trabalho com a leitura nos anos iniciais depende, portanto, dos conhecimentos já construídos pelos pequenos leitores – iniciantes, em processo ou fluentes – para responder às dificuldades que enfrentam ao se relacionar com os diversos aspectos discursivos e linguísticos mobilizados pelos textos:

- o *gênero* (por exemplo, uma novela, por sua extensão, pode ser mais complexa do que um conto);
- a *seleção lexical* (a maior ou menor presença de vocábulos de uso pouco comum interfere no entendimento);
- a *organização sintática dos enunciados* (frases curtas em ordem direta tendem a ser mais facilmente processadas do que frases longas em que há constituintes invertidos ou intercalados);
- a *temática desenvolvida* (a maior ou menor familiaridade com o tema é fator decisivo para a compreensão e interpretação);
- a *explicitação das informações* (maior ou menor exigência para operar com o conteúdo que o autor pressupõe que o leitor domine influi nesse processo);
- o uso de *recursos figurativos* (maior ou menor emprego de elementos conotativos interfere no número de inferências exigidas do leitor).



Para os anos iniciais do ensino fundamental, Nelly Novaes Coelho, especialista em literatura para crianças, separa os estágios psicológicos da criança em relação à leitura em três categorias de acordo com a faixa etária. São eles:

- **leitor iniciante** (6-7 anos): nesse estágio, as crianças estão se apropriando do sistema de escrita alfabética e, aos poucos, vão ampliando seu domínio das correspondências grafofonêmicas. Livros ilustrados com textos breves são indicados para a leitura autônoma.

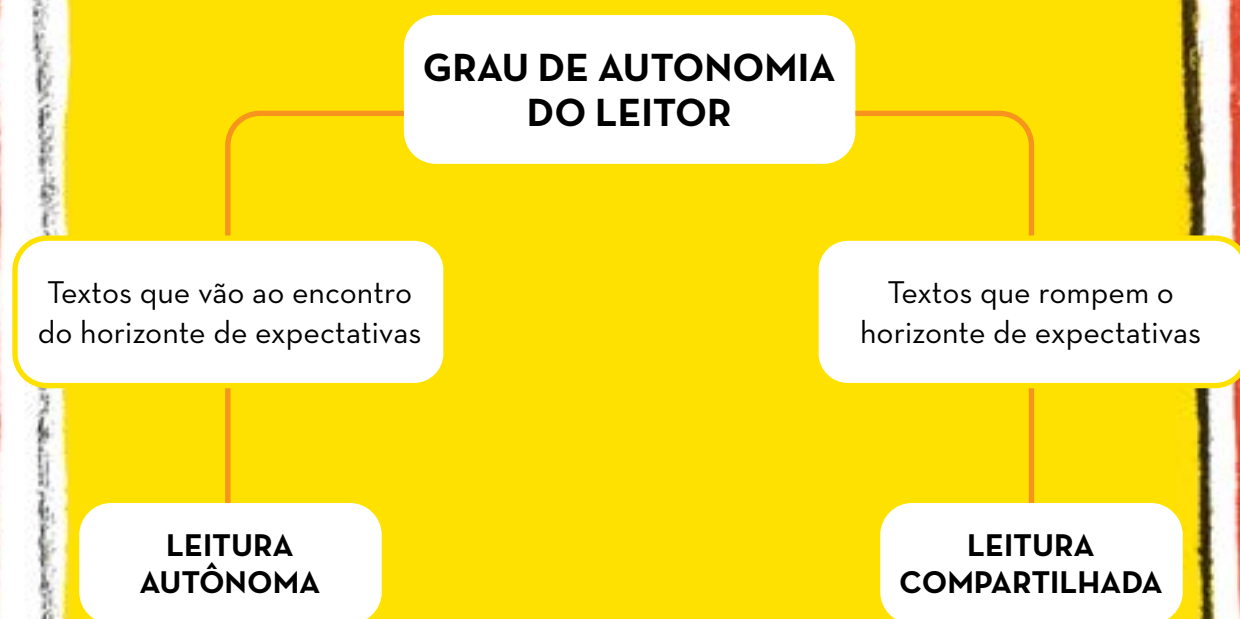
- **leitor em processo** (8-9 anos): nesse estágio, as crianças já compreendem o funcionamento do sistema de escrita. À medida que o processo de decifração se torna mais automático, podem apreciar os acontecimentos da história e refletir sobre ela. Para leitura autônoma, são indicados livros mais extensos em que haja diálogo entre o texto e as imagens.

- **leitor fluente** (10-11 anos): nesse estágio, as crianças leem com maior fluência, reconhecem diferentes gêneros e suportes textuais e já têm suas preferências literárias. Para leitura autônoma, podem ser indicados livros mais longos, com linguagem mais elaborada. Embora continuem apreciando as ilustrações, não dependem tanto delas para entenderem o texto.

Desse modo, o grau de autonomia dos pequenos leitores coloca limites claros para o tratamento que determinada obra pode receber. É por essa razão que não se recomenda a leitura de uma obra complexa em uma situação de *leitura autônoma*, isto é, aquela em que a criança lê sozinha. Em geral, para essas situações, sugerem-se títulos que vão ao encontro de seu horizonte de expectativas. Ao ler autonomamente, o leitor percorre o texto com os olhos, linha após linha, decifrando os sinais gráficos, formulando hipóteses provisórias até encontrar um sentido aceitável com base no que já leu, em seus conhecimentos linguísticos e discursivos e nas estratégias de leitura que domina. Se o sentido não está de acordo com o que havia compreendido, retrocede ou avança no texto até esclarecer a inconsistência. Se o sentido obtido soluciona o problema, é assimilado ao anterior, resultando em uma síntese mental do texto.

Porém, para que mobilize capacidades de leitura cada vez mais complexas, é preciso que também possa ter contato com obras que rompam esse horizonte, encarando o desafio de ler livros de maior complexidade. Para situações como essa, recomenda-se a *leitura compartilhada*, isto é, uma atividade social em que o texto é lido pelos educadores ou familiares com as crianças. A leitura compartilhada favorece a reflexão e a discussão dos textos lidos. É um momento dedicado à troca de impressões e de opiniões, à apreciação do plano do conteúdo (o que o texto diz) ou do plano da expressão (como o texto diz). Para que essa interação amplie as possibilidades de compreensão e de apreciação estética, é fundamental a mediação de um leitor experiente que estimule a observação de aspectos do texto que podem passar despercebidos, confronte diferentes interpretações, formule questões desafiadoras. Trata-se de um momento privilegiado para colocar as crianças em contato com textos e autores que, provavelmente, não leriam sozinhas.





Quadro 1. Seleção de obras em relação ao grau de autonomia do leitor e as práticas de leitura

Além de selecionar obras ajustadas ao grau de autonomia das crianças e às práticas de leitura, é importante não perder de vista diferentes modos de ler: leitura extensiva (ou horizontal) ou leitura intensiva (ou vertical).

A *leitura extensiva* se caracteriza pelo ato de ler muitos textos de modo rápido, muitas vezes devorando o livro com grande sofreguidão. Esse modo de ler permite a ampliação de repertório, a formação de uma cultura literária a partir da experiência.

Já a *leitura intensiva* se caracteriza pelo ato de ler e reler textos já conhecidos para que o leitor possa se apropriar de algumas características da linguagem escrita, apreciar o texto com calma.

Que adulto, com experiência de ler para crianças, nunca ouviu um “de novo” ao virar a última página do livro? Essa paixão dos pequenos pela leitura intensiva tem um valor didático inestimável. Permite que, ao se darem conta da estabilidade da escrita, percebam a diferença entre contar uma história e lê-la; permite também que possam recontar a seu modo, oralmente ou por escrito, histórias conhecidas, apropriando-se da linguagem que se usa para escrever.

**Leitura extensiva ou horizontal: ler um número amplo de textos, promovendo a leitura lúdica da obra literária.**

**Leitura intensiva ou vertical: ler, várias vezes, o mesmo texto, visando a uma compreensão de seu funcionamento.**

Quadro 2. Modos de ler

Ao planejar o trabalho com a leitura literária na escola, é possível traçar múltiplos roteiros. As questões e sugestões apresentadas no quadro 3 abrem possibilidades para uma rica e variada experiência de leitura no ambiente escolar, bastando apenas combinar os elementos sugeridos.

Questões norteadoras para o planejamento	Algumas sugestões
<p><b>O que se lê e como vai ser a escolha?</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Obras escolhidas pelo professor.</li> <li>• Obras escolhidas pelas crianças a partir de seleção prévia do(a) professor(a) ou do(a) bibliotecário(a).</li> <li>• Obras escolhidas pelas crianças a partir de critérios propostos pelo(a) professor(a) ou bibliotecário(a) (um livro de determinado gênero, assunto ou autor; um livro de uma mesma coleção ou série etc.).</li> <li>• Escolha livre da criança.</li> </ul>
<p><b>Quem lê para quem?</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Leitura autônoma (leitura silenciosa).</li> <li>• Leitura em duplas.</li> <li>• Leitura em voz alta do(a) professor(a) para a turma.</li> <li>• Leitura compartilhada do(a) professor(a) com a turma.</li> <li>• Leitura em voz alta de um aluno ou alunos para a turma.</li> <li>• Leitura em voz alta de um aluno ou alunos para um auditório de convidados (leitura pública).</li> </ul>
<p><b>Onde se lê?</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Na sala de aula.</li> <li>• Na biblioteca escolar ou sala de leitura.</li> <li>• Em um espaço ao ar livre na escola.</li> <li>• Em espaços públicos da cidade.</li> <li>• Em casa.</li> </ul>



<p><b>Quando se lê?</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Todos os dias (no início ou final do dia, após o intervalo etc.).</li> <li>• Uma vez por semana.</li> <li>• Após a realização das tarefas escolares.</li> </ul>
<p><b>Como se compartilha o que se lê?</b></p>	<p><b>Atividades orais</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Roda de conversa sobre a obra.</li> <li>• Reconto oral.</li> <li>• Dicas de leitura.</li> <li>• Entrevista simulada com personagens da obra.</li> <li>• Entrevista com outros leitores da obra.</li> <li>• Leitura dramática.</li> <li>• Encenação baseada no enredo da obra.</li> </ul> <p><b>Atividades escritas</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Cartaz de apreciação.</li> <li>• Diário de leitura.</li> <li>• <i>Blog</i> literário.</li> <li>• Resenha.</li> <li>• Produção de texto (reconto, decalque, autoria).</li> </ul>

Quadro 3. Orientações para o planejamento do trabalho com a leitura literária na escola

Compreendendo método como um conjunto de procedimentos que organiza o trabalho pedagógico, respostas a essas perguntas trazem implícitas decisões metodológicas sobre o ensino da literatura no ambiente escolar e revelam o conhecimento que o(a) professor(a) tem sobre os processos de aprendizagem das crianças em relação às práticas de leitura. Se resultado de uma ação coletiva dos educadores, essas escolhas permitem transformar a escola em uma verdadeira comunidade de leitores.

# PROPOSTAS DE ATIVIDADES

## Pré-leitura

As atividades sugeridas nesta seção favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão da obra, além de provocarem o desejo de ler o livro com o propósito de verificar se as expectativas de leitura se confirmam ou não.

01. Apresente às crianças o título do livro: *Marcelo, marmelo, martelo*.
  - a. Proponha que segmentem oralmente as três palavras em sílabas. O que elas têm em comum? Certamente, não terão dificuldade em perceber que todas começam e terminam com a mesma sílaba: **mar-** e **-lo**.
  - b. Retome com a turma o que é rima, ajudando-as a se lembrar de que é o nome que se dá à repetição de sons semelhantes entre palavras, criando um parentesco fônico entre elas. As três palavras do título rimam? Qual é a rima? A partir da vogal tônica, todos os fonemas (vogais e consoantes) se igualam **-elo**.
02. Mostre à turma a capa do livro. Das três palavras que compõem o título, qual está representada na imagem?
03. Mostre também a imagem da quarta capa: quem são essas pessoas? Além de Marcelo e seu cachorro, provavelmente, associarão o casal aos pais do garoto.
04. Leia para a turma o texto da quarta capa. O texto confirma ou não o parentesco entre Marcelo e o casal? Quem são Teresinha, Gabriela e Caloca?
05. Convide as crianças a examinar os títulos das três histórias no sumário (p. 5). Com base nas ilustrações, como é possível descrever as personagens?



06. Informe que, quando o livro é composto por vários contos ou poemas, é comum selecionar o título de um dos textos para nomear a antologia (que é como se chama uma obra que reúne vários textos).

a. Proponha que observem as ilustrações das páginas 6 e 7 para verificar que outros elementos ajudam a imaginar o enredo do conto “Marcelo, marmelo, martelo”. Quem será que se chama Godofredo? Por que o pai de Marcelo está com um martelo na mão?

b. Em seguida, retorne ao sumário e estimule os alunos a imaginar qual seria a trama das duas outras his-

tórias por meio das ilustrações de Mariana Massarani.

07. Leia para os alunos as biografias da autora e da ilustradora desse clássico da literatura para crianças (p. 68 e 69).

08. Para conhecer mais a premiadíssima Ruth Rocha, visite com as crianças sua página na Internet: <http://mod.lk/ruthro>

09. Para conhecer outros desenhos incríveis da talentosa Mariana Massarani, visite com as crianças o *blog* da artista: <https://marianamassarani.blogspot.com/>.



© Mariana Massarani

## Leitura

As atividades propostas estimulam o leitor a confirmar ou reformular suas antecipações a respeito do conteúdo, além de apoiá-lo na construção dos sentidos do texto.

01. Como o livro é composto por três histórias, não é necessário lê-las na ordem em que são apresentadas. Por qual as crianças querem começar?
02. Estimule os alunos a testar as hipóteses prévias, levantadas pela análise dos títulos e pela observação das ilustrações.
03. Antes de iniciar a leitura de “Marcelo, marmelo, martelo”, sugira que prestem atenção à criatividade de Marcelo em relação à linguagem. De que maneira essa característica da personagem será decisiva para o conflito da narrativa?
04. Antes da leitura de “Teresinha e Gabriela”, sugira que prestem atenção às diferenças entre as duas personagens. Qual é a relação entre as duas no início da história? E no final?
05. Antes da leitura de “O dono da bola”, informe que o protagonista se chama Carlos Alberto e que ele não é muito estimado pelos meninos da rua. Por que será? Será que ele conseguirá fazer parte da turma no final da história?



e Mariana Massarani



## Pós-leitura

São propostas atividades para promover a compreensão da obra, o diálogo entre os leitores, entre a obra e outros textos, e entre outras linguagens; propostas inspiradas no trabalho do autor ou do ilustrador, além de atividades de alfabetização.

01. Antes de abrir a rodada de atividades cuja finalidade é permitir a discussão dos sentidos do texto e o aprofundamento dos temas suscitados pela leitura deste livro, assista com as crianças ao vídeo complementar a esse material. Certamente, ficarão motivados para expressar seus pontos de vista e ouvir os dos colegas, afinal, o olhar dos outros sempre sugere novas possibilidades interpretativas.
02. Retome cada conto e discuta com a turma as impressões causadas pela leitura. Promova um debate a respeito dos temas tratados nos contos - a criatividade na linguagem, as diferenças individuais, a inveja do outro, o egoísmo, as diferenças de gênero etc. Evite cair no moralismo. Ruth Rocha trata todos eles com muita leveza.
  - a. Pergunte aos alunos se já se meteram em confusões por conta de palavras mal-empregadas.
  - b. Questione se é importante que as pessoas se entendam e se é possível mudar de opinião, mesmo quando não gostamos de alguém à primeira vista, imaginando como seria estar no lugar dela.
  - c. Fale também sobre a generosidade entre os amigos e de como é bom brincar junto. A propósito de brincadeiras, pergunte se há brincadeiras somente de meninas e outras só de meninos. Os contos podem render muita conversa.
03. As palavras inventadas por Marcelo podem estimular a criação de um dicionário próprio da sala, como uma língua inventada para ser falada pela turma. Uma experiência interessante foi realizada pelo professor colombiano Javier Naranjo, que resultou no livro *Casa das estrelas: o universo contado pelas crianças*. Ele coletou definições de palavras com as crianças como “universo: casa das estrelas”, dada por Carlos Gómez, que tem 12 anos. Para saber mais sobre a experiência, leia a reportagem: *Crianças criam significados poéticos e divertidos para palavras do dia a dia*. Disponível em: <http://mod.lk/gdrsn>. O livro, no Brasil, foi publicado pela Editora Planeta.

04. O título do livro *Marcelo, marmelo, martelo*, é um verdadeiro trava-língua, uma brincadeira verbal na qual ocorre tanto a repetição de palavras parecidas, como a repetição insistente de sons. Trava-língua é a cara do Marcelo! Em homenagem a essa personagem tão encantadora, as crianças podem experimentar essa brincadeira, divertindo-se com as dificuldades de pronúncia e o ritmo das frases. É possível encontrar uma coletânea com 90 trava-línguas em <http://mod.lk/travalin>. É diversão garantida!

05. Para as crianças curiosas que quiserem saber mais sobre o latim, informe que a língua portuguesa é uma língua neolatina, ou seja, origina-se do latim, sobretudo do latim vulgar. Originalmente, o latim era falado no Lácio, região do entorno da cidade de Roma. Depois, foi amplamente difundida, especialmente na Europa Ocidental. Hoje o latim é

uma língua morta, isto é, uma língua que não possui mais falantes nativos. Acesse, com as crianças, o site do Google tradutor - <http://mod.lk/4102i> - e vejam como são as formas latinas de algumas palavras em português. A ferramenta tem a opção de áudio para as crianças aprenderem como se pronuncia. Elas não vão aprender latim, mas vão se divertir um bocado!

06. Aproveite a energia de Gabriela para promover uma temporada de brincadeiras como: pula-sela, amarelinha, pular corda, pé de lata, pião, bolinha de gude, pula-elástico. As crianças podem pesquisar as brincadeiras em livros sobre o assunto ou em sites como:

a. O Mapa do Brincar, uma iniciativa da “Folhinha”, suplemento infantil do jornal *Folha de S.Paulo*. O site reúne hoje 750 brincadeiras de todo o país: <https://mapadobrincar.folha.com.br/projeto/>.



© Mariana Massarani

b. O Território do Brincar, um trabalho de escuta, intercâmbio de saberes, registro e difusão da cultura infantil. Entre abril de 2012 e dezembro de 2013, os documentaristas Renata Meirelles e David Reeks, acompanhados de seus filhos, percorreram o Brasil, visitando comunidades rurais, indígenas, quilombolas, grandes metrópoles, sertão e litoral, revelando as sutilezas da espontaneidade do brincar: <https://territoriodobrincar.com.br/o-projeto/>.

Para a pesquisa, incentive a formação de grupos mistos, um modo de reforçar que não há brincadeiras para meninos ou meninas.

07. Ainda em relação às brincadeiras, uma alternativa é realizar uma enquete com os adultos das famílias para saber quais eram as brincadeiras com as quais se divertiam quando crianças. Houve mudanças ou permanências? É possível

que haja variações nos nomes e nas regras. Seria possível chegar a um consenso? É provável que os alunos resolvessem esse desafio entre eles mesmos.

08. Para que as crianças não saiam falando mal do Carlos Alberto de “O dono da bola”, é bom olhar para o próprio umbigo: quem nunca agiu como um garoto mimado ou teve um comportamento egoísta em relação a seus pertences? Abra um espaço para que possam relatar suas experiências, rir delas e compartilhar com os outros como fizeram para enfrentar esses sentimentos tão humanos.

09. Como forma de finalizar essa sequência de atividades, pode ser interessante realizar a leitura compartilhada do paratexto. Sintetizar as reflexões produzidas permite consolidar as aprendizagens sobre a autora, o livro, além de reconhecer as características que vinculam o texto a um gênero específico.



© Mariana Massarani



## DICAS DE LEITURA



### Que tal ler mais livros da mesma autora?

- *A escola do Marcelo*. São Paulo: Salamandra.
- *A família do Marcelo*. São Paulo: Salamandra.
- *Os amigos do Marcelo*. São Paulo: Salamandra.
- *A rua do Marcelo*. São Paulo: Salamandra.
- *Marcelo: de hora em hora*. São Paulo: Salamandra.
- *O bairro do Marcelo*. São Paulo: Salamandra.
- *O livro de números do Marcelo*. São Paulo: Salamandra.

### Que tal ler mais sobre o mesmo gênero ou assunto?

- *Mania de explicação*, de Adriana Falcão.  
São Paulo: Salamandra.
- *Oito anos*, de Paula Toller. São Paulo: Salamandra.
- *O menino que vendia palavras*, de Ignácio de Loyola Brandão.  
São Paulo: Companhia das Letrinhas.



# LER EM FAMÍLIA

A experiência com a leitura literária não acontece apenas na escola. É importante que os educadores procurem sensibilizar as famílias para a importância dos livros de literatura no desenvolvimento intelectual e afetivo das crianças.

Para apoiá-las nessa tarefa tão importante, compartilhe estas dicas:

## 7

razões para ler com as crianças



e Mariana Massarati

**1** Escutar histórias lidas em voz alta e conversar sobre livros desenvolve a inteligência e a imaginação.

**2** Os livros enriquecem o vocabulário e o domínio de estruturas linguísticas próprias da língua escrita.

**3** As imagens, informações e ideias dos livros ampliam o conhecimento de mundo.

**4** Quem tem o hábito de ler conhece melhor a si próprio e compreende melhor os outros.

**5** Ler de forma compartilhada é divertido e reforça o prazer do convívio.

**6** Os vínculos afetivos entre as crianças e os adultos que leem para elas são mais profundos.

**7** A leitura deixa as crianças mais tranquilas, ajuda-as a conquistar autoconfiança e poder de decisão.



## Conheça o depoimento de Pedro Felício, ator, músico e pai, ao ler para seus filhos *Marcelo, marmelo, martelo*.

Este foi um dos principais livros da minha infância. Marcelo, Teresinha, Gabriela, Caloca e o Latildo foram meus companheiros em muitos momentos.

Ler essas histórias para meus filhos (e ver o mais velho lendo-as sozinho) foi um processo bastante curioso!

Queria começar falando sobre as ilustrações de Massarani. São incríveis! Trazem uma série de outras perspectivas à narrativa envolvente de Ruth Rocha, inspiram as crianças a desenhar, não são realistas, mas também não são esquemáticas. São muito genuínas e não devem nada à clássica caracterização que Adalberto Cornavaca criou para as primeiras edições do livro.

Os pequenos contos de Ruth Rocha exercem nas crianças uma atração muito forte. São, em primeiro lugar, histórias sobre crianças. Crianças em situações não muito distantes de qualquer situação cotidiana da vida de meus filhos.

Inventar palavras (minha filha menor inventa especialmente palavras em línguas também inventadas), querer ser como o outro (um amigo, uma amiga, primos, irmãos, personagens), ser egoísta com as suas coisas ou ter de lidar com quem assim se comporta. Tudo isso é muito comum no dia a dia de crianças, por isso um forte vínculo se estabelece desde o início da leitura.

A prosa de Ruth Rocha é invejável. Uma leveza com a qual as crianças se identificam rapidamente, utilizando palavras e expressões que os pequenos usam e dominam. Seja na narração em terceira pessoa da primeira história, na prosa poética da segunda ou na primeira pessoa da última, a escolha das palavras foi sempre um elo muito forte com meus filhos. Miguel, meu filho mais velho, fez questão de repetir muitas das falas das personagens (especialmente do Marcelo, mas também da Gabriela e do Catapimba). Para ele, ler sozinho um livro ainda é um desafio. Ainda mais um livro com três histórias! Uma das coisas mais interessantes enquanto ele lia a história de Marcelo foi que muitas vezes veio me perguntar o que significavam as palavras, mas sempre



para se certificar de que as compreendera. Para mostrar para si mesmo que entendia a língua do Marcelo. O latim virou assunto para longas conversas por aqui. Impossível resumi-las em poucas linhas, já que se misturam com outros livros que lemos e com outras referências das mais diversas.

É claro que o que torna a leitura de *Marcelo, marmelo, martelo* especialmente saborosa é o elemento de exagero, colocando o protagonista numa situação extrema (o incêndio da “moradeira do Latildo”) em meio a uma condição também extrema (o uso de um léxico absolutamente privado). Mas o jogo com as palavras e seus significados ultrapassa a historieta e se embrenha nos nossos jogos e brincadeiras. Inventar nomes para as comidas, por exemplo, virou um jogo comum aqui em casa. Já comemos “planta verde com fruta vermelha”, “arroz com casca de leite em cima e carinha”, “meleca grudenta vermelha-transparente” (desafio o leitor a descobrir que pratos ganharam essas alcunhas).

No fim dessa primeira história, a pequena estranhou: “Ainda bem que os pais da gente falam a mesma língua que a gente, senão eles não iam saber quando a gente está com vontade de ir no banheiro, e a gente ia fazer xixi e cocô na calça”. O comentário diz muito sobre o que ela entendeu com a primeira parte do livro. Mas é incrível como ela tem a habilidade de misturar qualquer assunto com xixi e cocô nessa fase...

“Teresinha e Gabriela” também nos inquietou. Helena, minha filha mais nova, tem se mostrado, ultimamente, muito afeita a princesas, cor-de-rosa, unicórnios, lacinhos, rendinhas (sintomas incontroláveis da construção social massacrante do que nosso mundo espera de uma menina...). Miguel, sem hesitar, comparou sua irmã a Teresinha. Contudo, a pequena não se satisfez. Perdiu que eu descrevesse novamente as duas meninas e, embora ela não goste de calça comprida, mas de vestidos, afirmou incontestemente que gostava de inventar as brincadeiras para os amigos brincarem, subir em árvores, jogar bola, correr, andar de bicicleta. Durante longos minutos minha filha contemplou as ilustrações da segunda história, enquanto descrevia o que ela mesma gosta de fazer quando brinca na escola, na praça, em casa. Encontrou elementos de ambas as personagens em si mesma e, imediatamente, relacionou o conteúdo

com um espetáculo teatral a que assistimos há pouco tempo - *DesPrincesa* (do grupo paulistano de teatro Cia. Casa da Tia Siré). É uma peça que busca desmistificar a cruel divisão de gênero na infância, com jogos cênicos belíssimos e uma encenação simples e potente.

O capítulo “Teresinha e Gabriela” está sendo bastante lido por aqui, repetidas vezes. Acredito que o momento que vivemos precisa muito desse tipo de reflexão, para que possamos colocar as crianças em contato com todas as possibilidades de existência, fugindo dos rótulos e dos paradigmas já obsoletos que a todo momento voltam para nos assombrar.

Minha mãe, sempre que uma atitude mimada ou egoísta aflora em um de seus netos, relembra “O dono da bola”. Sempre. Então, para meus filhos, conhecer a origem da expressão que a avó usa também foi um elemento de interesse. Miguel, enquanto lia, lembrava que “a vovó Di falou isso quando eu derrubei a minha cabana para o Joca não entrar” ou que “o Bento faz isso, às vezes, leva a bola embora”. E me perguntou com legítima dúvida: “Quando eu não deixo a Helena brincar com meus cards, eu também sou o dono da bola?”.

O universo que Ruth Rocha constrói (com o auxílio imprescindível de Mariana Massarani) invade um bocado o imaginário das crianças. Carlos Alberto, Gabriela, os amigos do Estrela D’Alva Futebol Clube, o cachorro Godofredo, Marcelo, Teresinha, a professora da escola passaram a aparecer em histórias e músicas que inventamos. Essa turma da rua, esses amigos da escola, esse pequeno universo infantil que se forma diante de nossos olhos e na imaginação das crianças são um portal para que elas possam olhar com outros olhos seus próprios amigos da escola e da rua. Um portal que dá simultaneamente para a identificação e para a crítica. De uma riqueza sem tamanho, se soubermos ouvir atentamente os desdobramentos da leitura no dia seguinte, nas semanas seguintes, talvez nos anos seguintes. Porque a leitura dessas histórias não acaba na última página. Eu mesmo ainda estou lendo, refletindo, desdobrando. Desde a primeira vez, em 1980.

(Todos os links de páginas da internet presentes neste material foram acessados em 30 ago. 2021)